

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

2 Dez 2017
18:00 Sala Suggia

Baldur Brönnimann *direcção musical*

CONCERTO DE HOMENAGEM A JÚLIO RESENDE

1ª PARTE

Luís Neto da Costa

Curvatório (2017; c.8min)*

Leoš Janáček

Taras Bulba, rapsódia para orquestra

(1918; c.23min)

1. *Morte de Andrij*
2. *Morte de Ostap*
3. *Profecia e morte de Taras Bulba*

*Estreia mundial; encomenda Casa da Música ao
Jovem Compositor em Residência

**Estreia em Portugal; encomenda Casa da Música, BBC,
London Philharmonic Orchestra e Helsinki Festival.

17:15, Cibernética

Palestra pré-concerto por **Daniel Moreira**

2ª PARTE

Magnus Lindberg

Two Episodes (2016; c.15min)**

1. *Episode 1*
2. *Episode 2*

Igor Stravinski

O Pássaro de Fogo, Suite n.º 2

(1910/1919; c.22min)

1. *Introdução – Dança do Pássaro de Fogo – Variação do Pássaro de Fogo*
2. *Dança de roda das Princesas*
3. *Dança infernal do rei Kastochei*
4. *Berceuse*
5. *Finale*



casa da música



Maestro Baldur Brönnimann
sobre o programa

<https://vimeo.com/245048038>



LUGAR DO DESENHO
FUNDAÇÃO JÚLIO RESENDE

100

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO
DO PINTOR JÚLIO RESENDE
(1917-2017)

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO



Não surpreenderá que um pintor se fascine com a música quando ela se revela pelo poder de reacções rítmicas que são muito semelhantes à expressão pictórica sustentando um conteúdo pleno de hipóteses dialécticas. O fascínio da música de Igor Stravinski leva-me, talvez, a um atrevimento “de que não me penitencio...”

JÚLIO RESENDE

Luís Neto da Costa

FREAMUNDE, 18 DE DEZEMBRO DE 1993

Luís Neto da Costa é licenciado em Composição pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, tendo estudado com Pedro Santos, Dimitris Andrikopoulos, Filipe Vieira e Eugénio Amorim, entre outros. Interessa-se pela programação musical, a música electroacústica, a improvisação e a exploração de novos instrumentos. Escreveu obras para orquestra, ensemble e várias formações de música de câmara. Como encomenda para o Prémio Jovens Músicos (Antena 2/RTP), escreveu a peça obrigatória para a categoria de oboé (nível médio). Em 2015, ganhou a Menção Honrosa do Prémio de Composição SPA/Antena 2, com uma obra para orquestra, e a Menção Honrosa do Prémio de Composição Casa da Música/ESMAE, com uma obra para 50 saxofones, 50 clarinetes e flauta.

Enquanto Jovem Compositor em Residência na Casa da Música, em 2017, compôs *febres de arabescos em frisos inertes* (apresentada pelo Remix Ensemble em Novembro), a obra incluída neste programa e ainda a peça de música de câmara *O jardim do silêncio*, que será interpretada no próximo dia 19 pelo Artium Trio.

Curvatório

O agradável grafismo de vários tipos de curvas matemáticas levou-me a escolhê-las para estarem presentes na obra, replicadas no movimento sonoro das cordas, sempre em *glissando*. Este deixa de ser um mero efeito colorístico e torna-se um elemento estrutural – emancipa-se da superficialidade. Em lugar de uma escala de notas, uma escala de curvas que

sufrem dilatações verticais alterando a forma como as sentimos.

Nas cordas temos maioritariamente entradas fugadas que remetem para uma nova abordagem à imitação e dão forma a uma grande construção de arquitectura paramétrica. Nas madeiras surgem blocos harmónicos em *staccato* – uma escrita matematicamente discreta. São blocos em bruto com sonoridades individuais e esculpidos temporalmente: quase como se extraíssemos pedaços de uma rocha num determinado momento.

O acto de composição é quase sempre um acto de adição. Apesar de tecnicamente ter adicionado estes blocos, a minha sensibilidade tenta imaginar que eu sou um escultor do tempo porque é essa a sensação auditiva que este processo me provoca.

Negando qualquer luta ou transição entre os conceitos discreto e linear, eles sobrepõem-se como se fossem uma “politextura”. Quanto aos trombones e à sua disposição, há um jogo com a sua historicidade. Seja pela ideia de pompa das entradas monárquicas, seja pelos anjos que tocam nos céus, o seu carácter nesta obra não é festivo, mas de expiação.

O título tem uma semelhança fonética com purgatório. Talvez o meu inconsciente o tenha sugerido em homenagem a uma cultura que se curva.

Leoš Janáček

HUKVALDY (MORÁVIA), 3 DE JULHO DE 1854

OSTRAVA (MORÁVIA), 12 DE AGOSTO DE 1928

Taras Bulba, rapsódia para orquestra

Composta entre 1915 e 1918 e só estreada em 1921 no Teatro Nacional de Brno, *Taras Bulba* parece estar muito distante da novidade estilís-

tica de obras como *O Pássaro de Fogo* de Igor Stravinski, estreado 11 anos antes. Com 28 anos de diferença de Stravinski, Leoš Janáček é um compositor de uma velha geração, conotado ainda com o Romantismo tardio e o nacionalismo musical e estando mais perto de compositores como Antonín Dvořák.

Janáček compôs esta rapsódia inspirado na novela de Nikolai Gogol com o mesmo nome. Cada um dos três andamentos retrata um episódio central da narrativa, todos relacionados com a morte dos três protagonistas. A história passa-se em 1628, período de controvérsia política entre a Polónia e a Ucrânia. Andrei e Ostap são filhos de Taras Bulba, um velho cossaco ucraniano fortemente ligado às suas raízes. Ao constatar a vida despreocupada e leviana dos soldados, convence os cossacos a elegerem um novo líder para comandar uma guerra contra os polacos.

Os dois irmãos são chamados para o combate, mas Taras depara-se com a traição de Andrei que se apaixonou por uma polaca, renunciando ao seu povo e ao seu pai. O desfecho é cruel: Taras Bulba acabará por matar o seu próprio filho antes da batalha. Mais tarde, Ostap é capturado pelos polacos e o pai assiste à sua execução. Taras Bulba torna-se ainda mais feroz e cruel exigindo a vingança.

Depois de uma grande batalha, os polacos derrotados acabarão por prometer não combater mais os cossacos. Contra a opinião geral, Taras não se convence de que manterão a palavra. Acabarão por ver que ele estava certo e Taras Bulba continuará na sua demanda. Mas o desfecho é a sua captura e execução: morre queimado vivo.

Numa narração quase episódica, o primeiro andamento exhibe uma melodia apaixonante associada à cena de amor de Andrei, contrastando com os acordes do órgão que representam a sua angústia. Curiosa indicação no

corne inglês: *dolce, con dolore*. Alguma tensão é criada até os metais anunciarem a morte de Andrei pelo próprio pai.

O segundo andamento começa com um timbre etéreo desenvolvendo depois um motivo galopante num ambiente mais enérgico. Manter-se-á até aos compassos finais e, posteriormente, os gestos gritantes anunciarão a captura e a morte de Ostap.

Janáček irá escrever mais tarde que o que o levou a compor não foram as mortes dos filhos, mas sim a de Taras: “Não há fogo ou sofrimento no mundo inteiro que possa quebrar a força do povo russo”. Os acordes finais são majestosos demonstrando a admiração do compositor pela sua coragem.

Magnus Lindberg

HELSÍNQUIA, 27 DE JUNHO DE 1958

Two Episodes

Em 1985 Magnus Lindberg estreava *Kraft*, uma obra de texturas densas e gestos ruidosos com uma sedução pelos extremos sonoros. Para além da intensa exploração instrumental, o uso das tecnologias no seu processo criativo – como a electrónica e a composição assistida por computador – demonstram um compositor em busca da originalidade. Passados cerca de 20 anos, o mesmo compositor estreia *Two Episodes*, obra em que transparece um olhar sobre o passado, num processo que parece procurar mais os ingredientes convencionais da tradição clássica.

A sua estreia nos Proms 2016 partilhava o programa com a *Nona Sinfonia* de Beethoven. Esta famosa obra serviu de mote para o processo composicional de Lindberg. Segundo afirma o compositor, *Two Episodes* não incluiu citações, mas alusões que permitem “ligações aurais cla-

ras”. Não avança pelo caminho de muitos dos seus predecessores como Luciano Berio, em *Sinfonia*, uma obra construída maioritariamente com citações. Prefere o lado ambíguo, usando a obra de Beethoven mais como uma influência no processo do que como material pré-existente para um jogo.

De forma a estabelecer mais uma ligação, adoptou a orquestração da *Nona Sinfonia*. Nas notas de programa, o compositor relata que esta escolha eliminou o timbre ressonante que instrumentos como a harpa, o piano e a percussão exótica costumam proporcionar nas suas restantes obras. Mas os gestos orquestrais coloridos, a orquestração exuberante, a repetição motívica e a narrativa cinematática talvez se aproximem mais d’*O Pássaro de Fogo* do que da *Nona Sinfonia*.

Composta em duas secções, segundo o compositor, “a primeira está ligada ao impacto massivo do primeiro andamento com a sua imensa escrita *tutti*, cheia de sons vigorosos e de energia, enquanto a segunda está mais relacionada com a beleza do andamento lento e funciona como uma ponte entre a quinta perfeita Lá-Mi e o seu destino, Ré menor.”

Interessado em “encontrar uma forma de desfrutar do mesmo entusiasmo que os compositores clássicos tinham pela linguagem”, Lindberg olha para técnicas que pareciam estar esquecidas nos livros de teoria, sendo uma delas a harmonia. Explora o material segundo “o princípio da *chaconne*”: uma série de acordes é reciclada continuamente durante a obra. Mas não esquece as suas buscas de outrora: volta a usar as sequências harmónicas já exploradas em obras como *Kinetics*, de há 27 anos atrás, evidenciando a sua tradição espectralista ao empregar um processo que se assemelha à harmonia funcional construída a partir da série dos harmónicos. Também o famoso

acorde ‘Tristão’ usado por Wagner, que espoleitou e continua a espoletar tanta discussão nos circuitos da análise musical, é usado como harmonia central. A harmonia e outros elementos de *Two Episodes* são assim uma convergência de ingredientes do passado.

Igor Stravinski

ORANIEMBAUM (RÚSSIA), 17 DE JUNHO DE 1882

NOVA IORQUE, 6 DE ABRIL DE 1971

O Pássaro de Fogo, Suite n.º 2

Composto inicialmente para bailado, *O Pássaro de Fogo* deu origem a várias suites ao longo dos anos, em que Stravinski escolheu diferentes andamentos e instrumentações. A versão que escutamos hoje é a de 1919, a mais frequentemente tocada.

O bailado foi estreado a 25 de Junho de 1910, em Paris. Composta para a famosa companhia *Ballets Russes* e com coreografia de Michel Fokine, esta obra marca o início da colaboração entre o compositor e Sergei Diaghilev. Igor Stravinski, na altura com 28 anos, considerava que não se tinha afirmado ainda como compositor. Apesar do tema não o interessar, aceitou o desafio. Muito público tinha para conquistar e até mesmo Gabriel Pierné, o maestro da estreia, se atreveu a corrigi-lo em frente a toda a orquestra por causa de uma indicação na partitura. Mas a obra tornou-se um sucesso e o compositor ficou com uma enorme reputação que lhe valeu as encomendas de *Petruchka* e da famosíssima *Sagração da Primavera*.

O Pássaro de Fogo conta a história de um príncipe, Ivan Tsarevitch, que vai parar ao jardim de Kastchei, um mago imortal que mantém aprisionadas treze princesas. Ivan encontra o Pássaro de Fogo, uma ave mágica, e decide

capturá-lo. Mas acaba por o libertar e, como recompensa, o Pássaro de Fogo deixa-lhe uma pena mágica para quando ele precisar de ajuda.

Continuando o seu passeio, o príncipe irá encontrar as princesas. Observando-as de longe, acaba por ir ao encontro de uma delas e apaixona-se. Vai ao castelo confrontar o mago, mas Kastchei e os seus demónios aparecem para o transformar em pedra. Antes que isso aconteça, Ivan usa a pena mágica. Surge então o Pássaro de Fogo fazendo-os dançar até adormecerem. O príncipe acabará por destruir o ovo de ouro que guardava a imortalidade de Kastchei. As princesas são assim libertadas, o seu reino desaparece e Ivan casa-se com a princesa amada.

A obra inicia-se com um ambiente misterioso, premonitório. Influenciado pelo *leitmotiv* wagneriano e pelas harmonias exóticas rimskianas, o motivo inicial, no âmbito de um trítone, será associado frequentemente ao Pássaro de Fogo. Já o príncipe está caracterizado pelas melodias tradicionais. As princesas associam-se a um mundo mais diatónico contrastando com o mundo cromático de Katschei e dos seus súbditos.

Na orquestração, Stravinski procura uma sonoridade individual que abarca várias influências, entre as quais a do seu professor Rimski-Korsakoff, mas incluindo também um certo nível de experimentalismo. O próprio compositor conta: “O efeito mais marcante n’O Pássaro de Fogo foi o glissando de harmónicos naturais nas cordas quase no início da obra, em que o acorde grave incendeia uma espiral de fogo.” As combinações de orquestração e a vitalidade rítmica demonstraram a sua originalidade, garantindo a Stravinski um lugar de destaque entre os compositores da sua geração.

Muitos anos depois da estreia desta obra veremos Stravinski embaraçado com a liga-

ção das suas primeiras obras a conteúdos programáticos. Para o compositor, a música era suficiente por si própria, não precisava de elementos extramusicais. Era constante a disputa ‘música programática’ *versus* ‘música absoluta’. Toda esta retórica em defesa da música pura passaria a ser um dos discursos vigentes no séc. XX. Mas seria um erro aceitar dogmatically esta perspectiva e esquecer que o ouvinte tem a liberdade de poder decidir e sentir o seu tipo de escuta. Negligenciar o título, o conto a que se refere bem como a própria historicidade da obra só diminuiria a magia das relações que a obra tece.

LÚIS NETO DA COSTA, 2017

Baldur Brönnimann *direcção musical*

Baldur Brönnimann é considerado um dos melhores maestros de música contemporânea em todo o mundo. Desenvolveu estreitas colaborações com compositores de topo tais como John Adams, Saariaho, Birtwistle, Chin, Lachenmann, Lindberg, Haas e outros, e dirigiu obras importantes de Ligeti, Romitelli, Boulez, Vivier e Zimmermann, destacando-se actuações recentes nos BBC Proms e na Konzerhaus de Viena. Maestro de grande versatilidade com uma abordagem aberta à programação e à interpretação musical, divide o seu tempo entre as salas de concerto e os teatros de ópera, e sempre que possível procura actividades de âmbito educativo e comunitário. É Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta.

Na temporada de 2017/18, Brönnimann estreia-se no Lincoln Center em Nova Iorque para dirigir *Dark Mirror* de Zender, uma recriação da *Viagem de Inverno* de Schubert com Ian Bostridge, no Mostly Mozart Festival; e em concertos da temporada da Sinfónica de Oregon. Na Europa, apresenta-se pela primeira vez com a Sinfónica da Rádio de Frankfurt no Festival de Darmstadt; a Sinfónica WDR num programa que celebra o 100º aniversário do nascimento de Zimmermann; a Sinfónica Nacional da Estónia e a Orquestra Nacional de Lyon. Alguns dos momentos altos das temporadas anteriores foram projectos com as Filarónicas de Oslo, Estocolmo, Estrasburgo e Bergen, a Philharmonia Orchestra e as Sinfónicas da BBC e de Seul, entre outras. Mais recen-

temente, estreou-se à frente da Sinfónica da Rádio de Viena, da Sinfónica Nacional Dinamarquesa e das Orquestras de Câmara Aurora e de Munique. Colabora regularmente com o Klangforum Wien, em Viena e em digressão.

No domínio da ópera, Brönnimann dirigiu *Le Grand Macabre* de Ligeti na English National Opera, na Komische Oper de Berlim e no Teatro Colón (Argentina), em produções de La Fura dels Baus e Barrie Kosky; *Death of Klinghoffer* de John Adams na English Nacional Opera; *L'Amour de Loin* de Saariaho na Ópera Norueguesa e no Festival de Bergen; e *Index of Metals* de Romitelli com Barbara Hannigan no Theater an der Wien. No Teatro Colón, dirigiu também *Erwartung* de Schoenberg, *Hagith* de Szymanowski e *The Little Match Girl* de Lachenmann com o compositor no papel de narrador.

Enquanto Maestro Titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e da Basel Sinfonietta, Baldur Brönnimann continua a dirigir programas onde combina de uma forma inesperada obras contemporâneas e desconhecidas com o repertório corrente. Entre 2011 e 2015, foi Director Artístico do principal ensemble norueguês de música contemporânea, BIT20. Foi Director Musical da Orquestra Sinfónica Nacional da Colômbia em Bogotá entre 2008 e 2012.

Natural da Suíça, Baldur Brönnimann estudou na Academia de Música da Basileia e no Royal Northern College of Music em Manchester, do qual foi posteriormente nomeado Professor Convidado de Direcção de Orquestra. Actualmente vive em Madrid.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Menezes, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis e Heinz Holliger, a que se junta em 2017 o compositor britânico Harrison Birtwistle.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas

de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum "Follow the Songlines" ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2017, a Orquestra apresenta a integral das Sinfonias de Brahms e obras-chave como o *Requiem* de Mozart, *War Requiem* de Britten, *Earth Dances* de Harrison Birtwistle e *Via Sacra* de James Dillon, além das estreias nacionais de encomendas da Casa da Música a Magnus Lindberg e Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Tamás Major*
Radu Ungureanu
Tünde Hadadi
Emília Vanguelova
Vladimir Grinman
Vadim Feldblioum
Ianina Khmelik
Roumiana Badeva
Andras Burai
José Despujols
Alan Guimarães
Diogo Coelho*
Pedro Carvalho*
Flávia Marques*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Mariana Costa
Pedro Rocha
José Paulo Jesus
Francisco Pereira de Sousa
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Vítor Teixeira
José Sentieiro

Viola

Joana Pereira
Jean Loup Lecomte
Biliana Chamlieva
Theo Ellegiers
Luís Norberto Silva
Hazel Veitch
Francisco Moreira
Emília Alves
Rute Azevedo
Francisca Moreira*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Gisela Neves
Michal Kiska
Bruno Cardoso
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Nelson Fernandes*
João Fernandes*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Luciano Cruz*

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
Gergely Suto
João Moreira*

Fagote

Gavin Hill
Vasily Suprunov
Robert Glassburner

Trompa

Luís Duarte Moreira*
Eddy Tauber
José Bernardo Silva
Bohdan Sebestik
Hugo Carneiro

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Luís Granjo

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins
Ricardo Pereira*

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões

Harpa

Ilaria Vivan

Piano/Celesta/Órgão

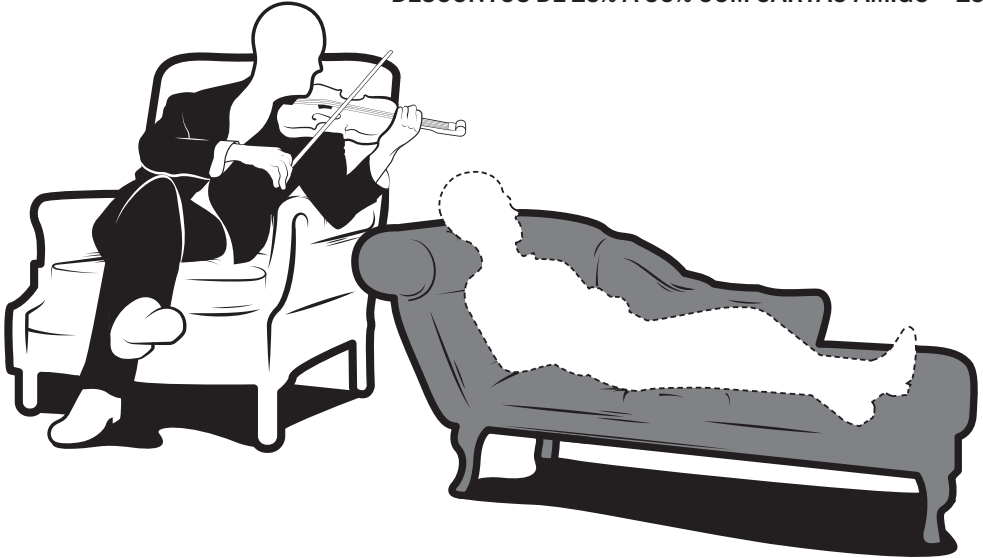
Luís Filipe Sá*

*instrumentistas convidados

ASSINATURAS 2018

O SEU LUGAR DE SONHO

DESCONTOS DE 25% A 50% COM CARTÃO AMIGO + 25%



Maravilhas da Música Austríaca
Integral das Sinfonias de Bruckner
Integral dos Concertos para Violino de Mozart

Sinfónica Série Clássica
Sinfónica Série Descobertas
Sinfónica Fora de Série
Sinfónica Série Famílias
Sinfónica Temporada
Remix Ensemble
Barroca
Música Coral
Ciclo Piano Fundação EDP
Ciclo Jazz Terças Fim de Tarde
Banda Sinfónica Portuguesa

www.casadamusica.com
Bilheteiras Casa da Música
Linha Cartão Amigo - 220 120 229



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

